

[RESENHA]: SOARES, Thiago Barbosa; CRUZ, Mônica da Silva; COITO, Roselene de Fatima (Orgs.) *Novas fronteiras em Análises do Discurso: objetos outros*. 1ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021.

Daniela Ribeiro Dias¹

Universidade Federal do Tocantins

Submetido em 6 e janeiro de 2023.

Aprovado em 10 de fevereiro de 2023.

A obra *Novas fronteiras em análises do discurso: objetos outros* (2021), organizada pelos professores Thiago Barbosa Soares, Mônica da Silva Cruz e Roselene de Fátima Coito reúne o conjunto de doze textos diversos que foram desenvolvidos em torno de discutir diferentes temáticas da Análise do discurso. Ancorados em teóricos da área, como: Michael Foucault, Mikhail Bakhtin e Michel Pêcheux, os objetos de investigação que materializam os textos buscam apontar e analisar criticamente a forma, o espaço, o lugar, o corpo e demais maneiras que transitam entre o discurso e as expressividades que contribuem para que se construa o discurso: objetos outros. A diversificação em temas como: discurso de raça, pílula anticoncepcional, ativismo online, carisma, práticas de cancelamento, curandeirismo, o sujeito cidadão-limpeza, e entre outras vertentes colaboraram para a composição do livro.

O primeiro capítulo – *O sentido dos objetos: análise de discursos e materialidades ampliadas*, de Wedencley Alves (UFJF) – trata sobre a forma como os objetos se materializam conforme o ponto discursivo dentro da história. Alves parte da questão de que os sentidos dos objetos já se instituem por si só no aspecto materialização, uma vez que estes se destinam a interpretação, se encaixando em conexões que ligam o sentido ao poder. Com objetivo de demonstrar como o sentido da materialização se faz presente no ramo discursivo da bioquímica, tem-se como modelo o medicamento – pílula anticoncepcional. O autor traz em seu texto como esse discurso se materializou a partir do final do século XVIII e início do século XX, com a consolidação e evolução dos remédios para tratamentos e afins. Exemplo disso, ele cita que existe a cultura fármaco-política por detrás da farmacologia. Ou seja, nesse caso os

¹ Acadêmica do curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa e respectivas literaturas. Universidade Federal do Tocantins. E-mail: dany062wf@hotmail.com.

produtos são vistos como práticas terapêuticas – a de objetos de consumo, e não apenas um simples remédio para alívio de dor ou tratamento específico.

Trazendo esse discurso para a pílula anticoncepcional, por meio de uma reportagem de 2017, na revista *Época*, que falava sobre mulheres que estão recusando tomar a pílula por motivos pessoais e questionando se o medicamento traz mais benefícios do que malefícios, Alves compara com o tempo não muito longe em que estavam acontecendo os discursos que favoreciam a indústria bioquímica e biotecnológica sem nenhum questionamento, e quando essas mulheres passaram a usar dos argumentos sobre os efeitos adversos da pílula (que tiveram testes para comprovar), junto com a consciência feminista sobre o corpo da mulher como única finalidade para reprodução, através da visão da indústria farmacêutica. Por fim, Alves revela que sua tese articulada não é para defender que a pílula seja vista como um produto dos discursos sobre sua eficácia ou não, mas sim que por meio da pílula (materialidade) é que os discursos passam a fazer sentido, de modo a ser um objeto simbólico de segundo grau. Dessa forma, analisa-se que é importante haver esses espaços e reflexões sobre um produto, como é o caso da pílula anticoncepcional, uma vez que, tentaram impor e fazer com que todas as mulheres tomassem o medicamento para controle de reprodução. Mesmo antes do século XX as mulheres já sentiam os efeitos, mas não tinham voz ou quem ouvisse-as para que a saúde e o corpo delas não continuassem sendo postos em sacrifício a favor do discurso da farmacologia.

No segundo capítulo – *O objeto discursivo na análise do discurso: (novas) questões sobre o digital* –, a autora Cristiane Costa Dias (Unicamp) endossa sua escrita através do discurso no âmbito digital, objeto principal da análise do texto da autora, que é iniciado com a explicação sobre o uso de palavras como ‘espaço digital’ e ‘ambiente digital’, sendo os dois um diferente do outro para Dias. Dias explana que o ambiente digital é específico e com localização certa, restrito, provisório tal como exemplo: ambiente Moodle. E espaço digital se refere à própria noção de espaço, conforme o que engloba a Análise de Discurso. A autora parte da análise do discurso usando do movimento de paralisação dos apps (aplicativos) ou greve dos apps, que aconteceu no Brasil no dia 1º de julho de 2020, com base no que ela chama de espaço georetográfico – relação do sincretismo entre espaço urbano e digital. Com o objetivo de entender de que forma as empresas se recriam por meio do discurso digital, inovador, colaborativo e livre (ex.: de direitos trabalhistas). A utilização de imagens da paralisação articuladas pelo pessoal que trabalha entregando comidas é um dos pontos de partidas do texto de

Dias. De acordo com a explicação de Dias, essas imagens e os discursos / textos apresentam um grupo de marcas discursivas que fazem correlação entre o espaço urbano e o digital. Em suma, é como se o discurso digital fosse o motivo para determinar a paralisação dos entregadores para que eles obtenham os direitos trabalhistas deles. O texto traz reflexões para que as pessoas observem que os espaços são usados para finalidades diversas, o espaço digital e uso de posts para divulgação de um movimento em busca de melhores condições de trabalho, respeito, salário compatível com as demandas que pedem. Envolve disso tudo, o discurso no espaço digital surge como um objeto discursivo, com intuito de mostrar outros discursos que estão entremeados a um post de greve dos aplicativos, por exemplo.

O terceiro capítulo – *O carisma em Saul Goodman: uma força sem 'origens'* é de autoria de Thiago Barbosa Soares (UFT), que explana acerca do carisma nas relações de poder do personagem Saul Goodman, protagonista da série *Better Call Saul* (2015). Soares usa por meio da Análise do Discurso, de falas do teórico Michel Foucault para expor de que forma o carisma se apresenta materialmente no personagem para que ele atinja e obtenha várias coisas de interesse pessoal. Em seu texto, Soares analisa e descreve acerca do carisma, do personagem Saul Goodman, os capítulos da série, explica de que maneira o carisma do personagem se constrói, em que é exposto como uma técnica no poder de persuasão de Saul, e é nesse instante que o carisma precisa ser analisado, através dessas relações. Observa-se que o autor começa sua escrita trazendo apontamentos de como o carisma surgiu, se instaurando na sociedade sem muita notoriedade, e passou a ser usado como força de poder, podendo ser compreendido como uma forma nas relações intrínsecas que se ligam ao poder. Embora disfarçadamente, não apenas o personagem Goodman usa de tal artifício, como pessoas em áreas muito disputadas na sociedade, como é o caso da política, em que há candidatos que usam do carisma para conquistarem o voto do eleitorado. Os discursos por detrás de quem usa o carisma são objetivos, transparentes e, de certa maneira, falas que repassam um comportamento de tranquilidade e calma.

No quarto capítulo – *Aspectos arqueogenéticos do curandeirismo nos códigos penais brasileiros*, de Jorge Alberto Mendes Serejo (UNDB) e Mônica da Silva Cruz (UFMA) – é salientado a respeito do curandeirismo e como se formou o arquivo jurídico-legal conforme as leis brasileiras. Para tal, Serejo e Cruz partem do discurso da arqueologia do saber, do teórico Michel Foucault para expor seus argumentos. Nesse sentido, Serejo e Cruz propõem esse intrigante diálogo, por meio de trechos do Código

penal brasileiro sobre o curandeirismo, comparando o que traz em seu conjunto de leis, para a área da Medicina, o que cada segmento ficou responsabilizado. Enquanto o curandeirismo é visto como crime penal no discurso dessas leis, que atinge até os dias de hoje a população negra, uma vez que se relaciona as práticas das religiões de origem africana, o discurso da medicina foi transpassado para o discurso jurídico, sendo assim tais discursos sobre o curandeirismo incompatíveis com o que prega a constituição dos dias atuais.

O quinto capítulo – *O corpo liberto: arqueologia do saber e práticas de liberdade no instagram* – é escrito por Nilton Milanez (UEFS), e aborda sobre o corpo liberto através do instagram, e usa a obra foucaultiana *A arqueologia do saber*, para expor seus argumentos. O texto se divide em: como o instagram contribui para o discurso dos corpos libertos, quais os limites que esse corpo liberto atinge, o corpo obediente, o corpo indócil, insurgente, e corpos por vir. O autor destaca em níveis de esferas sociais, como o instagram traz a discussão a questão do corpo liberto, por meio de temas como LGBTQIA+, o corpo feminino, mobilidade dos corpos dos jogadores, e entre outros, revelando como os discursos por detrás das imagens presentes no instagram se mostram e colaboraram para diversos debates/julgamentos de quem está por trás da tela.

O sexto capítulo – *Me disseram que eu não sou...: O corpo indígena esquadrinhado pelo/no discurso de raça*, de Fabiane Lemes (UFU) e Simone Tiemi Hashiguti (UFU) – trata sobre o discurso do corpo indígena, mais propriamente voltados a discussão da raça, com objetivo de analisar como a sociedade visualiza e interpreta o corpo indígena. O discurso colonial no texto de Lemes e Hashiguti é parte da narrativa, que denota o modelo e historicidade que passou a ser visto o corpo dos povos indígenas desde os antepassados até os dias atuais. É tema desse debate também a desconstrução de identidade dos indígenas quando passam a buscar pelos direitos deles em estudar, morar na cidade, usar de vestimentas e aparelhos que as demais pessoas usam.

O sétimo capítulo é intitulado *Limpeza e saúde: práticas de governamentalidade do corpo populacional*. Nele, os autores Bruno da Silva Rodrigues (UFMA) e Ilza Galvão Cutrim (UFMA) expõem em relação a campanha de limpeza da prefeitura da cidade de São Luís-MA aliada as práticas dos sujeitos que nela vivem. Aliançada em três principais linhas – limpeza e saúde, limpeza e sustentabilidade, limpeza e cidadania –, Rodrigues e Cutrim discutem sobre o discurso que idealiza o ‘cidadão-limpeza’ em volta do que a campanha tinha por objetivo inicial.

No oitavo capítulo – *A causação interseccional de A Loka de Efavirenz: dispositivo crônico da AIDS, vulnerabilidade e produção de resistências no ativismo on-line* –, Atilio Butturi Junior (UFSC) e Camila de Almeida Lara (UFSC) debatem quanto à relação sobre o controle fármaco-médico, com uso do objeto do medicamento Efavirenz – remédio utilizado para tratamento do vírus HIV-1, mostrado por meio das redes sociais, o movimento chamado de ‘A Loka de Efavirenz’. Esse movimento que tem como proposta ascender debates em torno de pessoas que são soropositivas na sociedade brasileira, e as pautas que estão ligadas ao que elas vivem na realidade. Neste aspecto, o texto proporciona compreender de que forma os discursos de resistências no ativismo on-line são descritos e como eles se fazem presentes nos espaços virtuais.

Em *Cena (s) de rua: da literatura e das formas jurídicas aos exercícios de poder na gestão de vidas* – o nono capítulo do livro – a autora Roselene de Fatima Coito (UEM) discute acerca do discurso da vulnerabilidade social das crianças, tratada a partir do livro *Cenas de rua* (2010), da escritora Ângela Lago. Coito descreve no texto, questões jurídicas e biopolíticas em Foucault envolvendo o mundo em que essas crianças vivem, analisando por meio, tanto das imagens expostas no livro da autora, quanto dos decretos políticos assinados durante o governo de Jair Messias Bolsonaro. Destacando como as vidas dessas crianças são moldadas e influenciadas de forma negativa através de um decreto que mais tira do que contribui para o acesso delas terem assistência e viverem melhor na sociedade.

Em *Lugar de cancelamento: os usos moventes do conceito ‘Lugar de fala’ aliados às práticas de cancelamento* – décimo capítulo da obra –, Lauro Damasceno (UFScar), Michelle Simões (UFScar) e Roberto Leiser Baronas (UFScar) retratam sobre a disseminação da frase tão categórica que tomou o espaço de discussões, principalmente, no meio virtual, acentuando mais ainda a prática de cancelamento. Os autores expressam no texto como esse discurso se tornou tão usual, que virou até um ato discursivo irresponsável, por pessoas que são negras trazerem falas de movimentos que perpetuam o racismo antinegro ao se referir que somente quem é negro, e dependendo do tom da pele, pode criticar, julgar, falar, pois é o lugar dela de fala. Nesse sentido, a prática desses discursivos aparentam terem tornado pior o cenário que já era de puro preconceito, quando se usa a prática de cancelamento para atingir as pessoas brancas e aquelas que não são ‘consideradas’ negras, de fato, por esses emissores.

No décimo primeiro capítulo – *A arte de governar condutas: subjetivação do professor no domínio de políticas públicas de educação* –, Gabriela Sousa Gomes

(Escola Smart Cursos) e Nilsa Brito Ribeiro (UNIFESSPA) discutem sobre os problemas das políticas públicas educacionais transferida para a responsabilidade do professor da educação básica, na revista Nova Escola, da Editora Abril. Por meio da observação dessas matérias da revista Nova Escola e dos estudos de Foucault, Gomes e Ribeiro dialogam sobre as estratégias do biopoder usadas pela gestão da revista e do MEC (Ministério da Educação) para as questões de políticas públicas relacionados a educação no Brasil. O texto descreve as diversas formas que o Estado tende a pôr sobre o professor, por intermédio de cursos, atualizações, qualificações para que a escola consiga atingir o sucesso esperado pelo Estado.

O décimo segundo capítulo – *Nomeação, categorização, subjetivação: Um olhar sobre as práticas de acolhida a pessoas refugiadas no discurso institucional e no ensino superior* – é de Marluza da Rosa (UFSM). Nele, a autora dialoga a respeito do discurso institucional e os processos de subjetivações nas migrações, com a colaboração da análise de relatos de vida de estudantes nas instituições de ensino superior. A autora pontua sua visão quanto ao discurso institucional, como forma de ressignificar o jeito de funcionamento social da Universidade, em várias vertentes: política, social, cultural e histórica. Logo, a escuta dos relatos dos estudantes, conforme Rosa, ajuda a compreender melhor sobre o discurso institucional na prática, e não apenas do modo como é apresentado nos textos oficiais.

A apresentação dos dozes textos na área da Análise do Discurso parte do princípio de que objetos outros se materializam através dos discursos, até de aqueles que se fazem presentes e não são questionadas pela sociedade. As falas dos (as) autores (as) que construíram suas narrativas na presente obra, retratam o cenário atual do país: há falas, decretos, greves, movimentos, posts, publicações, mas, se não passam por análises críticas, e mais esporadicamente, na área do discurso, esses objetos e debates se perdem e retraem. É por essa perspectiva que os autores e organizadores do livro se orientaram, quando propuseram em (d)escrever acerca de temáticas subjetivas, objetivas, urgentes e importantes para (re)pensar, refletir e evoluir discursivamente.